



**É
SEMPRE
TEMPO PARA
MUDAR**

CASTRO FERREIRA-PADRÃO

Teresa sentiu-se incomodada...- Ufa! – Parecia querer descomprimir-se – rápida e simpaticamente, com um sorriso, transversalmente ergueu ambos os braços como que a reclamar calma, olhou para a cunhada e observou: – Eu quero que a minha cunhadinha não se perca em respostas desnecessárias e se poupe para mais logo...

Ana ajudou: – Eu nos entretantos dar-lhe-ei uma massagem... os seus pontos fracos e de maior sensibilidade, eu bem os conheço. Ela gosta!

– Pois estou *muy tranquila* e bem disposta... vocês não pensem que o meu ego se altera com as situações... falámos muito, claro que eu mais, mas foi uma conversazinha entre amigos e de circunstância. Até que faz bem uma *irritaçãozeca* para o nosso sistema eléctrico [que importantíssimo ele é em todos nós. Ouve-se falar tão pouco!] se exercitar.

– Será que se pode saber o ou os temas que vais impor (entre aspas) para quem vem cá? – Perguntou José.

– Eu sei o queres dizer, mas não vou ditar tema algum,

pois não sou eu que tenho a incumbência de perguntar. Quem vem cá é uma especialista da comunicação que conheço muito bem, admiro o que escreve e a forma como o faz, está muito traquejada em entrevistas e muitas até com estrangeiros, ela é muito versátil nos temas que escolhe para o seu trabalho, ao que consta, na Revista parece que é muito considerada e respeitada, disse-me que rarissimamente interferem no que faz e julga que isso se deve ao seu (dela, claro) auditório, que é sempre grande e isso a Revista agradece. Quanto a temas, nada está definido, fluirá em função do que a entrevistadora abordar. Já sei que falaremos para três pequenos gravadores, dois serão pertença dela, diz que um é o que considera a sua cópia de segurança, e o outro no final ser-me-á oferecido a título excepcional, pois nunca o fez. Bem... quer ela dizer que dos dois, se um falhar, o outro poderá ser alternativa, quanto ao meu será para eu, se o desejar, confrontar o impresso com o audível, alterações só as de carácter gramatical e se necessário. Mas há mais: quando isto foi combinado ficou acordado que a entrevista tanto poderia preencher meia página como dezenas delas, tudo iria depender do seu percurso e entusiasmo (o entusiasmo foi meu). Só vou estar munida de um pequeno bloco que funcionará como auxiliar de memória.

– E porque escolheste este dia e a hora, que me parece esquisita, para o fim? Desculpa lá eu dizer esquisita! – Pronunciou a Clarisse.

– É cómico como dizes as coisas, bem como a tua a expressão quando o fazes, mas não é assim tão esquisita, reparem: este é um dia muito especial, é o dia de anos do nosso Jorginho, e eu quis, e o Nuno concordou, que um dia tão importante ficasse assinalado com um outro a si vinculado, o dia da celebridade – a festa do Jorge –, será uma outra prenda nossa, o

Nuno também sempre me apoiou, a minha primeira grande entrevista de fundo... espero que corra com a serenidade desejável.

– O Jorge também vai assistir? – Perguntou Júlio.

– Não! Já combinei com o teu irmão para ele entreter um pouco o Jorge se ele a essa hora ainda estiver acordado, o que não acredito, apesar de ele saber que mais logo vem cá uma pessoa e ao que vem, as brincadeiras da tarde deixá-lo não cansadinho... O Jorge tem feito muitas perguntas sobre o entrevista mas eu com toda a calma sosseguei-o. Assim vai ser: depois de jantarmos algo muito ligeiro, depois cada um vai à *sa maison*, uma das senhoras que está em baixo virá até aqui pôr isto bonitinho, chegada a hora subiremos e o Nuno fica lá por baixo, também passa o seu tempo no seu canto, o escritório, e quando as suas pestaninhas começarem a tremer vai até junto da travesseira... – Sofia levantou-se – depois contar-lhe-ei tudo...

Fernanda deu uma pequena gargalhada e apressou-se: – Antes de parares com as descrições vais-nos dizer como é que vais estar vestida para entrevista, não vais!? Olha que sempre que vou para o escritório procuro ir ajanotada... bem sabes!

Sofia voltou a sentar-se e correspondeu, deu uma piscadela de olhos à irmã Fernanda e sossegou todos com voz firme mas com ar feliz e afável: – Pois meus amiguinhos, neste campo não tenho parecenças com a Fernanda e tenho a comunicar que como estou, assim vou estar, depois do jantar e do cafezito na vossa companhia só terei um cuidado comigo, ir à casa de banho lavar os dentes e tocar o cabelo com os dedos. Ainda não vai muito tempo que na passagem pelo espelho me mirei e julguei-me muito bem... Ó gente, temos que ser práticos! Agora... fim da cavaqueira e vamos procurar alguma coisa no

tabuleiro que exercite os maxilares.

– Admiro a tua atitude, o ser prático ajuda sempre. –
Elogiou Jacinto, cunhado, casado com Fernanda.

– Eia! Gente! – Exclamou com entusiasmo Nuno.

– Ih! Que foi? – Que espanto é esse, quis saber Paula, irmã mais nova de Sofia.

– Nada de especial... lembrei-me que até à hora do jantar podemos entreter-nos a jogar o *Pictionary*. Que acham!? – Sugeriu Nuno.

– Já vai um tempo que não rabiscamos. Porreiro! – Foi a vez da esposa.

– Que belíssima ideia! – Aderiu Clarisse.

– Estou nessa! – Foi a vez de Júlio.

Acordaram e o jogo fez-se.

...São 23 horas e 20 minutos, Nuno e Sofia estão sentados no sofá na sala de estar e vêem a televisão, passa um concurso, Jorge, como era de prever, adormecera e há muito que já descansa na sua cama, Nuno, ainda não se sentindo muito bem esclarecido, pergunta-lhe novamente: – Se não te importas, conta outra vez lá essa coisa dos gravadores.

Sofia riu-se, compôs o cabelo e respondeu: – Quando falei disso a todos esta tarde, tu estavas presente e ao meu lado, julgo ter sido clara pois ninguém disse nada. E tu?!

– Eu ouvi mas achei tão esquisito que até não perguntei nada. Explica lá!

– És um cómico! Seja: sei que falarei para três pequenos gravadores, dois serão pertença dela, diz que um é o que considera a sua cópia de segurança, e o outro no final ser-me-á oferecido, e a título excepcional, pois nunca o fez. Bem... quer ela dizer que dos dois, se um falhar, o outro poderá ser

alternativa, quanto ao meu será uma recordação e também para eu, se o desejar, confrontar o impresso com o audível, alterações só as de carácter gramatical e se necessário, julgo ter dito como ouviste agora. Satisfeito?

– Devem ser ricos...

– Não sejas tolo. Por acaso fiz uma observação sobre a oferta, é que também pensei no custo mas ela sossegou-me dizendo que tinham sido oferecidos à Empresa uns quantos... – ouve-se o som da campainha da porta da a rua, ele toca-lhe no joelho esquerdo e ela percebe que ele fará as honras da casa. Ela acaba de chegar – um estilo de *freelancer* -, o seu nome é Palmira Sara, 49 anos, estatura média, talvez 1,70 m, nem gorda, nem magra, dir-se-ia que prò elegante e prova-o o bem que lhe assenta um fato cinza claro que porta e que combina com uma blusa branca com botões madrepérola, nos pés uns sapatos simples, rasos, pretos, tudo sem quaisquer adereços, é um pouquinho loira com o cabelo muito ondulado mas apanhado, talvez a muito custo, faz um pequeno rabo-de-cavalo, apresenta o rosto um pouquinho corado que não disfarça algumas sardas ladeando o nariz fino e ligeiramente arrebitado, apresenta-se com um saco com alça que o ombro direito suporta e, eis quando vê Sofia, que entretanto se levantara para compor um pouco a blusa de malha fina, de um rosa muito claro, dentro das calças também elas cinzentas, mas nada foi combinado, os sapatos que tinha também eram pretos mas com um pouco de tacão. Deixou deslizar o saco pelo braço para cumprimentar a anfitriã, Nuno aproveitou as saudações para a partir dali as deixar em paz, pois a noite agora era delas e, por breves momentos, as duas sentaram-se no sofá para os circunstancialismos da praxe... Depois subiram até ao local de trabalho que estava bem iluminado e só por

dois candeeiros de pé de largos abajures, estava o ambiente adequado, optaram cada uma por um sofá individual e perto de uma mesa de apoio colocada pela empregada a pedido de Sofia, que também fez questão que ali deixasse umas pequenas fatias de bolos diversos, onde não faltaram algumas do bolo do Jorge, copos e duas garrafas, uma de água mineral e outra de Vinho do Porto, que sabia que Sara admirava. Sara tirou do saco três aparelhos já preparados e colocou-os na mesa mas antes deu um jeito a um dos pratos de guloseimas, mais um caderno de apontamentos e uma BIC, Sofia buscou do sofá grande uma pequena sebenta e o lápis que ali deixara com propósito definido, enquanto se preparam não falam, apesar da troca de olhares, depois veio a 'primeira' conversa ainda em *off the record*, assim: – Estamos prontas. Quando desejar, podemos começar... é só clicar nos três aparelhos. Pode ser? – Antes comamos um pouco do bolo dos anos do nosso Jorge e um copito de Porto. Que tal? – Bom começo, seja!

Deliciadas com o bolo, Sara e Sofia pousaram, suavemente, os pequenos pratos e garfos utilizados na mesa, seguraram nos pequenos cálices entretanto servidos e sorveram devagar o néctar Português. Não houve brindes.

– Pronta?

– Ok!

– Eu vou ligar e como combinado vou ler um pequeníssimo texto que não é nem mais, nem menos do que o referente a alguns dados biográficos e que fará o favor de corrigir se ouvir algo de errado... Outra coisa, acho que será bom lembrar – não leve a mal eu dizê-lo –, mas é assim... o que se seguirá será uma conversa normalíssima em que nos alharemos dos aparelhómetros, vamos conversar sobre vários temas, venho com muitas perguntas já elaboradas e que constam no meu

caderno, mas outras podem ser formuladas... como compreenderá, e julgo ser óbvio, inteirei-me de muitas questões de que publicamente deu eco, e em conjunturas várias, algumas até causaram polémica, mas quando vir que não deve ser retratado no artigo a publicar na Projecção, é só dizer: não é para considerar ou algo semelhante que signifique tal – numa palavra, conversemos e se necessário varie-se de tema se for caso disso. Certo!?

– A Sara não podia ser mais clara!

Sara accionou os gravadores, colocou nos joelhos o caderno de apontamentos que abriu, segurou com a mão direita a lapiseira e com a outra passou-a pelo cabelo com a segura intenção de querer acalmá-lo, não queria que viesse para a frente e a importunasse... e começou: – O seu nome é Sofia Maria, tem 36 anos, signo Sagitário, casada e tem um filho de 11 anos, Doutoramento em Sociologia do Trabalho, é Assistente na Faculdade, presenças e intervenções em congressos nacionais e internacionais, tem vários trabalhos publicados dentro e fora da Universidade, bem como em algumas revistas de índole científica, escreve artigos de opinião para uma revista de economia e carreiras e para um jornal vespertino diário, evidencia o gosto pela leitura e pela música e a primazia vai para ambos os casos, diz que tudo lhe é bem-vindo, adora caminhar na praia e sempre que pode «chafurda» – é o termo que utiliza sempre que se banha no mar – e fá-lo, assim o tempo o permita e durante todas as estações do ano, diz-se bastante caseira, amante do ambiente familiar e do convívio com os que lhe são mais chegados, incluindo aqui os amigos, projectos não faz e ambições só as que vê com hipótese de concretizar, diz que sendo assim não perde tempo e as depressões são mais difíceis de a abranger. – Este será o meu preâmbulo. Como

julga o que ouviu?

– Que apanhou tudo o que lhe transmiti quando combinámos este encontro...

– Fico satisfeita por ter conseguido ser o mais abrangente possível, mas o que li ainda vai ser bem trabalhado e mais alguma coisinha acrescentarei... E, então, vamos ao trabalho.

Projectão (P) – Apesar de ser licenciada, disse-me que não gostava que a tratasse por Doutora ou ver o seu nome antecedido de Dra., pode explicar o porquê da desaprovação?

Sofia (S) – Não se trata de uma desaprovação ou, se quiser, de uma rejeição por tal deferência, se o trato for com o tal Dra. não barafustarei com quem o utilize nem desmobilizarei quem quer seja que o faça, eu mesmo o utilizo nas minhas relações com as pessoas que possuem grau académico superior. O que se passa é que o referido trato na maioria das vezes tem-lhe intrínseco uma demonstração de importância, de diferença para cima, que pode, e na maioria das vezes acontece, originar que as relações interpessoais não se façam no grau de igualdade que seria de desejar. Há hoje uma corrida ao canudo para uso do Dr. que é incrível como se isso em termos práticos tivesse a relevância que lhe atribuem. Ainda há dias um amigo meu contou que na empresa onde trabalha, uma forte e muito importante multinacional, as pessoas tratam-se pelo nome, todas portam nas suas roupas de trabalho um dístico onde consta só o nome e em nenhum consta engenheiro, doutor ou outro. A verdade é que muitos gostam de ser «alcanhados» de doutor... Sejam felizes e respeitemos... o importante é o respeito e a simplicidade nas relações a haver. A Sara também é licenciada e eu, que a conheço já vai um tempito, nunca vi alguém a ter a tal deferência. Como é!?

P – Não ligo. Não relevo o trato com o Dra., estamos em

sintonia... Vamos continuar! Como vê, hoje, a situação da mulher no mundo do trabalho na perspectiva da distribuição de tarefas?

S – Ainda há uma assimetria indesejada, o escalonamento de tarefas vai-se fazendo muito em função do género, é utilizada muitas vezes uma grande acuidade para o encaminhamento de alguns trabalhos. Há trabalhos que estão tipificados e bastante enraizados na sociedade em que a mulher deve ser a preferencial para os executar, e hoje, com as ferramentas de que dispomos, refiro-me às novas tecnologias, e com a abertura de espírito, será dizer, isenta de tabus, preconceitos ou pudores, muita da atribuição ao homem pode ser feita à mulher, mas por trás deste tipo de comportamento da entidade empregadora está o factor custo a suportar, como o salário. Têm-se dado passos gigantescos para suprir muitas desigualdades e estou plena de convicção de que vai haver uma maior e melhor consciencialização do Homem e os comportamentos alterar-se-ão e haverá mais justiça entre ambos os sexos.

P – A si parece-lhe que será fácil?

S – Não se trata de ser ou não fácil, só que a própria estrutura da Sociedade vem sofrendo enormes mutações e isso é... impõe mudanças de hábitos e condutas que exigem uma nova forma de estar em comunidade e um outro tipo de contributo a dar... Devemos ter presente que hoje os meios de comunicação à disposição são diversos e de uma eficácia muito grande, há uma maior facilidade ao conhecimento e o intercâmbio pessoal faz-se mais intensamente e, duma maneira geral, sem quaisquer tipos de inibição, quero com isto dizer, e a propósito do que a pergunta envolve, que Homem e Mulher, com a sabedoria própria dos factores que foquei – e foram alguns –, vão desempenhando no mundo do trabalho tarefas

iguais ou similares, seja em unidades fabris de produção, construção civil, agricultura, serviços administrativos, meios académicos, etc. etc., etc....

P – Pedia para ser um pouco mais objectiva...

S – Então... o nível de instrução das pessoas tem vindo a aumentar, as suas aptidões intelectuais vêm sendo mais enriquecidas – atenção que nos estamos a reportar ao sexo feminino e não a comparar com o oposto –, e isso é um factor de grande importância para quem atribui qualquer tarefa a alguém; depois, a Mulher, e como resultado da vida activa em que todos estamos envolvidos, tem vindo a assumir um papel social e de responsabilidades a que ninguém pode ficar indiferente.

P – Acha, pois, que quem faz a distribuição de tarefas tem em linha de conta todos esses factores e que a simples condição de mulher não faz inibir quem a distribui. É assim?

S – Será quase! Ninguém esquece que teve uma mãe e se isso estiver presente no acto da decisão por certo que haverá um grau de justiça de uma das partes.

P – Agora vai-me desculpar mas não percebi!

S – É assim, é verdade, estudos têm demonstrado que as mulheres continuam expostas a uma certa discriminação pela simples razão da sua condição mas, e como afirmei, os comportamentos tendem a inverter-se porque é a própria Sociedade que os vai impor, não esqueçamos que o fosso que outrora havia entre masculino e feminino tem vindo a diminuir, hoje, e felizmente que já executamos trabalhos que eram da exclusividade do homem – ele era dominante –, isso hoje vai desaparecendo e só se mantém enraizado em sociedades tribais, e mesmo aí as vozes vão-se levantando e os resultados são visíveis, já não somos as simples parideiras

e fracas (entre comas).

P – Vê a Sociologia como uma ciência muito, mas muito importante, que possa alterar toda a realidade que referiu no mundo do trabalho?

S – Mas claro que sim! Para tudo e para se conseguir os melhores resultados do que temos como objectivo a materializar deverá haver reflexões, análises, estudos prévios, confrontação de opiniões e tudo o mais que possa enriquecer a nossa mente para uma actuação o mais possível próxima da perfeição, pois, para a temática de que estamos conversando, a Sociologia pode ser uma arma/ferramenta/instrumento que ajudará por certo a uma melhor compreensão dos fenómenos sociais – a Sociedade marcha a um ritmo alucinante –. a Sociologia observa, estuda e depois, se necessário, aplica/sugere/opina/aconselha a metodologia para a realidade em questão.

P – Para o mundo das empresas essa Ciência será importante?

S – Um dos nossos grandes males é que há muitas empresas que não apostam nos estudos que a Sociologia pode facultar para melhoria das suas actividades, dou um pequeno exemplo: o estudo dos seus estatutos e do sistema de tarefas que cada um exerce na empresa podem alertar para uma alteração de comportamentos que podem ter reflexos no resultado final daquilo que ela (empresa) quer produzir – haja uma harmonia de (ajustados) regulamentos e um conhecimento efectivo por parte dos seus trabalhadores na sua aplicação –, só a observação e estudo podem conduzir ao conhecimento do que será mais benéfico. Tomemos como um exemplo em que se faz um estudo e que este revela que um determinado trabalhador tem habilitações académicas inadequadas para aquilo que está fazendo, ou que se sente extremamente desmotivado

com a tarefa que lhe foi destinada, ou ainda que o mesmo trabalhador até pode ter limitações de índole fisiológica, que lhe foi «vedado» o conhecimento das normas de orientação/condução da empresa, pergunta-se: quem sai beneficiado, a empresa, o trabalhador ou ninguém? Dir-se-ia que ninguém e será extremamente fácil de explicar. Poder-se-ia aplicar uma «máxima simplista», como – trabalhador certo em lugar certo, mais satisfação, mais rendimento.

P – E aí entra a Sociologia!?

S – Seria bom que se comesçasse a valorizar a observação dos factos sociais e que daí se extraíssem os ensinamentos, e a Sociologia tem esse objectivo.

P – Antes de virarmos de página..., de tema... uma última pergunta. É uma realidade que as novas tecnologias alteraram toda a moldura empresarial, os métodos de trabalho já não são os de outrora, o automatismo tomou conta de muito trabalho braçal, tudo se faz mais rápido e com menos recurso humano, será que a aplicação da Sociologia tem lugar no mundo global vigente?

S – Parecerei ridícula no que vou dizer mas não deixarei de o dizer e quem quiser que procure atingir o alcance das minhas palavras, é assim: o estudo Sociológico, em variadas vertentes da vida, da nossa Sociedade, nunca foi tão importante como hoje e sê-lo-á no futuro..., caso contrário corre-se o risco de esgotar todo o stock existente de *Prozac*. – Vamos comer mais um pouco de bolo?

P – Boa ideia e eu aproveitava para tirar uma meia dúzia de fotografias! Pode ser?

S – Também é retratista? É mesmo preciso?

P – Não sou mas para tirar umas quantas e boas a máquina fará tudo... é muito sofisticada (pega na bolsa e dela tira

uma pequena máquina fotográfica e um mini tripé que mais parece um compasso de desenho). Serão para acompanhar o trabalho. Ia pedir para o fazermos no fim mas uma vez que vai haver um intervalo – ainda é cedo! (ri) -, aproveitamos. Será num instante!

Sofia serviu nos pratos, já utilizados, um pouco de bolo do filho e mais de um outro bolo da sua festa, deitou nos mesmos cálices mais um pouco de Porto, agora em menos quantidade, e ofereceu à sua «visita», fazendo um reparo: – A Sara não desliga os gravadores?

Sara – Já é nova tecnologia... aguentam muito tempo..., mas já que vamos às fotos vou desligar! (Levanta-se, desliga os aparelhos, vagueia pelo salão com a máquina e o tripé nas mãos e pára em frente a onde estão sentadas, abre o tripé e estende os seus pés, adapta a máquina a ele e procura o enquadramento por forma a que ela e Sofia sentadas possibilitem a fotografia desejada.) antes de «guloseirarmos» vamos tirar umas fotos, na primeira vamos ficar ambas (foi-se sentar no seu sítio, junto a Sofia), é assim, vou-me levantar para dar o *click* na máquina e volto para aqui, ela disparará sozinha, vamos procurar olhá-la. Vamos ficar bonitas!

Na mesma colocação, e juntas, tirou duas, depois, e desembaraçada do tripé, tirou mais umas quantas a Sofia, tendo-lhe pedido que não desse atenção ao que estava a fazer para assim as fotos terem um ar mais natural, só que Sofia sempre que a máquina disparou olhou para ela.

Sara – Está feito! Vamos ao bolo! (colocou a máquina em cima da mesa e distraidamente [a «careta» que fez confirmou] accionou os gravadores e assim os deixou) – Sabe, estou a gostar de estar aqui, é um lugar muito acolhedor, é aqui que costuma trabalhar?

Sofia – Também é mas tanto eu, como o meu marido temos os nossos espaços aqui por baixo, cada um com seu canto, o dele é um pouco mais amplo... lá está, é homem!... – Gracejou.

Sara – Desculpe a curiosidade, também é licenciado?

Sofia – Não tem mal! Ele fez a Licenciatura em História e logo de seguida andou pela Europa durante três anos e tal a trabalhar e, sempre que lhe foi possível, em áreas culturais, ganhava uns tostões, felizmente que não necessitava, diz sempre que se satisfez muito em conhecer outras comunidades, ao mesmo tempo que aprendeu novas línguas e melhorou as que já conhecia. Hoje é Bancário e gosta!

Sara – E é Bancário!

Sofia – Por brincadeira com um cunhado, o marido de uma irmã minha, concorreu e foi num instante a sua admissão, ao que se soube, posteriormente, pesou na decisão o facto de escrever e falar bem quatro línguas – inglês, francês, alemão e italiano. Hoje está bem, é um Senhor Quadro do Banco. Esta informação também pode fazer parte da entrevista. – Concluiu, não escondendo a satisfação pelo elogio.

Sara – Maravilha! Retomemos a nossa conversa.

Muniram-se ambas dos utensílios de trabalho, Sara abriu o caderno na marca que a BIC mantinha e Sofia pegou do chão a sua sebenta e o lápis que ali descansavam.

P – Da pesquisa que fiz como que para confirmar o que é do domínio público... que é muito crítica, contundente e por vezes até agre, dizem alguns e foi o que constatei, às mais diversas situações sobre variadíssimos temas, sejam política nacional ou internacional, saúde, educação e até muitas das vezes relativamente ao mundo do desporto. É de facto como acabei de dizer?

S – É o entendimento dos outros... nada posso fazer! Talvez

antes de muitos considerandos que tecem – eu sei porque ouço e leio, normalmente nada me passa ao lado –, se tivessem o trabalho de reflectir eram mais comedidos nas apreciações.

P – Foi sempre assim?

S – Diria que não. Vou-lhe contar, mais uma vez vou ser alvo de algum reparo de alguém que não deve nutrir grande simpatia cá pela minha pessoa... isto se lerem a Projecção, seja: julgo que passei a merecer uma atenção mais incisiva desde o momento em que, num congresso em que participei onde estavam elementos do governo, tive uma intervenção que muitos consideraram e consideram ousada e outros não deixaram de a considerar inoportuna e deselegante e, então, a partir daí sempre me pareceu que alguém ‘vigia’ os passos que dou e o que vou escrevinhando.

P – Está querendo dizer que a sua inconveniência foi em desencontro com quem lidera?

S – Não houve a mínima dúvida, alguém – de muito peso/importância – soube aproveitar os meus alertas e isso fez com que até à data fosse inviabilizado um projecto de grande envergadura e isso marcou os seus proponentes e quem daria o aval/apoio (o Governo), vai daí começaram aparecer os tais considerandos... Se fosse só isso!

P – Não estava nos meus horizontes abordar semelhante situação... O que disse atrás pode fazer parte da entrevista, não pode?

S – E porque não, o caso foi falado na altura, o que disse veio a propósito da recolha de elementos que fez para podermos falar de maneira desinibida. Foi ou não foi?

P – Assim sendo, perguntava-lhe o que a importunou no tal Congresso?

S – O Congresso tinha como temática de fundo a Defesa

do Litoral, e houve quem levantasse a questão da sua defesa, ao ponto de as zonas dunares passarem totalmente para a responsabilidade das autarquias, tendo em conta que já vêm cooperando nos trabalhos de defesa e conservação, mas mais, fizeram uma abordagem do assunto dando a entender, de uma maneira descarada, que naquele momento já era uma realidade – um assunto nada a propósito para a razão por que ali estávamos –, mais ainda, a intervenção foi de um representante do Governo. Aconteceu que eu e mais alguém tivemos conhecimento, dias antes do Congresso, e por mera casualidade, pois foi numa simples conversa, de que determinadas intenções de um grande grupo com interesses na área do turismo andava exercendo as suas influências junto de quem pode e manda para que uma medida dessas tivesse o desfecho rápido e desejado, ou seja, passada para alçada do poder autárquico a total responsabilidade, era sinónimo de que o caminho poderia ficar mais facilitado para pôr em prática os objectivos em vista, não só para mim, como para outros, era sinónimo de que iria ser o descalabro total e imperaria a maior das selvajarias em muitas zonas, haveriam de aparecer as mais bem fundamentadas argumentações que para preservar da melhor forma as dunas seria com infra-estruturas adequadas a cada zona, numa palavra – betão. Pois eu entendia e entendo que nada melhor do que os organismos que temos que, em articulação com o poder autárquico, podem e têm feito um bom trabalho na prevenção, apesar de um pouco longe do necessário, mas as carências, principalmente de ordem monetária, não têm permitido ir muito mais longe, no entanto, deve ser realçado que tem havido muita incompetência profissional e algum abuso, o que tem contribuído para que se vejam autênticas aberrações. Para concluir, deverá dizer-se

que estávamos num Congresso e ali não era o lugar para que um representante governamental tentasse vender tal pescado, e foi o que eu entendi e quando tive oportunidade de falar, não perdoei, falei.

P – Uma vez que falou num assunto que tem a ver com o meio ambiente, e mesmo que não o tenha contemplado aqui no trabalho que preparei, enquanto falava ocorreu-me perguntar-lhe, se vir que não tem qualquer enquadramento ou não desejar responder, voltarei aqui aos meus rascunhos, a questão/pergunta é: Uma vez que é uma adoradora da orla marítima, da praia, já viu, infelizmente continuará a ver, muita sujidade. Que opinião tem sobre o que se tem feito no que diz respeito à sua limpeza?

S – Tenho muito gosto que se fale do meio ambiente, é um assunto a que ninguém pode andar indiferente, pois todos enquanto por cá andarmos teremos sempre a relação mais chegada... Quando um carro, mal cuidado, passa por nós e debita todos aqueles fumos e cheiros que quase nos intoxicam, será que haverá alguém que possa mostrar indiferença... aí está. Quanto à limpeza das praias, e muito a propósito pelas inúmeras vezes que por lá passeio, também, e muitas vezes «rascunho» na minha cabeça algo que poderia dizer ser como que projectar, programar, desejar que fosse feito um plano de acção e que fosse executado com o intuito de que a sujidade fosse minimizada... Mas quem sou e que mais poderei fazer? – Suspirou docemente. – Mas uma vez que me fez a pergunta, posso dizer-lhe o que já passou cá pela minha cabecinha. Quem não pensa!? Vamos aos porquês da vontade de ver ser feita qualquer coisa: primeiro, que fosse afastada a ideia de que quando se propõe limpar as praias, não é com a intenção de que elas fiquem bonitinhas, mas sim para que o mar não

leve a sujidade e assim se torne poluído; segundo, que a limpeza das praias será o melhor contributo para que não haja a proliferação de quaisquer doenças infecto-contagiosas ou que alguém se possa magoar em resultado do contacto com a porcaria e, em terceiro – fiquemos só por este três pontos que me parecem de grande importância – porque a limpeza das praias vai proporcionar a quem as visita mais bem-estar e uma paisagem mais agradável... Dito isto, vou dizer só duas – atente-se: sou uma cidadã vulgar que se preocupa com o bem-estar e não me considero uma especialista na matéria – de muitas soluções para minimizar a situação, assim, eu sugeria que se fizessem campanhas, não para alguém ganhar dinheiro ou se aproveitar para protagonismos como é muito usual quando acontecem... algumas são com pompa e circunstância e no final os resultados são nenhuns, mas dizia eu, campanhas de informação/educação, verdadeiras, sensibilizantes e sem grandes custos, bastando para isso que fosse criado algo parecido com protocolos/acordos com autarquias, Forças Armadas, escolas, movimentos vivos das comunidades (são alguns exemplos de com quem...), com o objectivo de alertar para a importância que há de não poluir a orla marítima, e, em simultâneo, com essas acções e ao longo das quatro estações do ano, não só quando o turista aparece, fosse feita a limpeza duma maneira ordenada e conjugada.

P – Uff!!! Confesso que não tinha ideia de fazer qualquer pergunta sobre este tema... Se me dá licença, vou beber mais um pouco de Porto! Posso servir-lhe mais um pouco?

Sofia – Não. Estou bem! Vou aproveitar para me levantar um pouco... vou à casa de banho, é na porta que fica nas costas da Sara, se desejar, já sabe! – Levantou-se e antes de ir para onde dissera, esticou os braços e estalou os dedos das duas mãos.

Uma entrevista, que bem podia ser real, serve de mote ao desenvolvimento da prosa apresentada, na qual a Mulher assume um protagonismo quase total. Assim, e de uma forma muito simples, se realça e dá valor ao seu trabalho e à importância que lhe deve ser devida na Sociedade, que muito hipócrita e teimosamente diz que a igualdade é para todos. O romance, um simples romance, assim deve ser tipificado, leva-nos a algumas situações que são muito corriqueiras nos dias que correm, mas mostra-nos que é sempre possível inverter o rumo, e para melhor – É sempre tempo para mudar.

Castro Ferreira-Padrão (2011)